

ter uma linha coerente tanto na vida quanto na obra. recorreu à auto-ajuda e, sob diversos pseudônimos, confeccionou de próprio punho os verbetes enciclopédicos sobre si mesmo, o que deu origem ao fato peculiar de o mais importante poeta da Alemanha desde Rilke e Benn ter permanecido inteiramente desconhecido do público. O público! Dá vergonha pronunciar tal palavra em se tratando de poetas. Seja como for, o professor Miha, de Gießen, pode baixar tranqüilo à sepultura, sem ter reventado devidamente a mim e à minha obra. E, provavelmente, uma vez aberta a carta de Leo Himmelfarb, todas as informações a meu respeito, como autor, terão mesmo de ser reescritas, isso se não as riscarem por completo do mapa. Curiosamente, esse pensamento não me chocava. O que aconteceria era algo que, cedo ou tarde, acabaria mesmo acontecendo, e eu ainda teria a oportunidade de assistir a tudo.

Para o jantar, havia salsicha frita e salada de batata, um prato que nenhum dos presentes apreciava, mas que era servido uma vez por semana, pois, de certo modo, Stanley podia juntar-se a nós à mesa, embora, após comer salsicha, uma forte flatulência o acometesse, e ele, com uma expressão de culpa, soltasse puns que se podia ouvir até mesmo em meio a uma conversa acalorada.

Para acompanhar, havia cerveja. Lembrei-me de uma ocasião na qual, numa viagem por rio no meio da floresta, Leo e eu bebemos a última garrafa de cerveja que restara, depois de havermos notado que um dos timoneiros índios havia bebido a caixa inteira, à exceção daquela última garrafa, e, bêbado, conduzindo a piroga para a mata junto da margem, uma espessa folhagem na qual, subitamente, uma cobra da largura de um braço pôs-se a sibilar. Bebemos à nossa felicidade, eu disse; como sempre, Bomplang, sem grande imaginação, ouvia-me fascinado e de boca aberta: a empregada fez uma careta e disse que era tudo mentira e enganação, enquanto Stanley peidava baixinho, só para si, mas fazendo-se ouvir claramente por todos.

Ter de observar Bomplang comendo era uma tortura. Ele não apenas depositava o braço esquerdo entre o prato e a borda da mesa, com o intuito de impedir o próprio tronco de acolher a comida diretamente com a boca, sem passar pelos talheres, como apoiava também, enquanto mastigava de boca aberta, o cotovelo do braço direito sobre a mesa, de modo que o garfo, que ele envolvia com todos os dedos, pairava oscilante sobre ela, incerto quanto à possibilidade de voltar a alcançar o prato.